

1 O ITINERÁRIO (INTRODUÇÃO)

Baste por ora dizer que as águas do descobrimento ainda hoje não se aquietam, nem mesmo na mais estável de todas as areias.

Gerd Bornheim – “A descoberta do homem e do mundo”

1.1 ROTEIRO

O volume intitulado *Navegações*, constando de vinte e cinco poemas, foi publicado pela primeira vez, em 1983, pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, em Lisboa, em uma belíssima edição auspiciada pelo Comissariado para a XVII Exposição Européia de Arte, Ciência e Cultura, “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento”. A consonância temática entre a exposição, ocorrida naquele mesmo ano, e o conjunto de poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen marca mais “um encontro espontâneo do poeta com o tema do que o resultado do cumprimento de dado *reportório*”, como nos demonstra João Rui de Sousa. Em resenha, atribui a prova de tal espontaneidade à diversificação presente no volume e às datas variadas que aparecem junto aos textos poéticos.¹

O projeto gráfico da primeira edição é extremamente bem cuidado, trazendo cópias dos manuscritos de três dos poemas, além da reprodução de cinco mapas do século XVI junto aos textos. Constam ainda, ao final do livro, as versões em francês e inglês de todo o volume, traduzidas respectivamente por Joaquim Vital e Ruth Fainlight. A tiragem de 3000 exemplares apresenta critérios de numeração, sendo alguns destes autografados e editados junto a um disco em que a própria autora recita os poemas. Ainda em 1983, *Navegações* é contemplado com o Prêmio do Centro Português da Associação de Críticos Literários.²

A segunda edição saiu em 1996, pela Editorial Caminho, no Porto.³ O volume veio acrescentado de notas explicativas, da própria autora, sobre alguns

¹ SOUSA, J. R. de., *Navegações*, in: *Colóquio-Letras*, 1984, p. 89.

² Maiores informações sobre a 1.ed. aparecem ao final da mesma. Para uma boa bibliografia comentada da obra de Sophia Andresen ver FERRAZ, Eucanaã (org.), “Bibliografia comentada”. in: *Metamorfoses*, n.1, 2000, p. 32-41.

³ Todos os versos de *Navegações* citados neste estudo referem-se à segunda edição. A escolha deve-se à praticidade, já que a primeira não apresenta numeração nas páginas, e à busca por um texto mais correto e completo, já que na *Obra poética* aparecem muitas gralhas. Consideramos também nessa escolha o fato de ambas não apresentarem as notas nem o discurso de apresentação.

poemas, além de trazer como uma espécie de apresentação o discurso por ela proferido em 1984, na entrega do prêmio conferido à primeira edição; no texto, narra o processo de criação de *Navegações* [ver 6.2]. O volume foi editado, no entanto, sem o arrojado projeto gráfico da edição de 1983.

Considerando as publicações em português,⁴ o conjunto integra ainda o volume III da *Obra Poética*, de 1999, também pela Editorial Caminho. A edição já não apresenta as imagens de mapas e manuscritos; foram suprimidas também as notas explicativas e o discurso de Sophia.

Os poemas trazem a visão da poetisa sobre a temática dos descobrimentos portugueses do fim do século XV e início do XVI, e comportam uma intrincada intertextualidade, tangenciando outros discursos e sugerindo referências a navegadores e a poetas ligados à tradição da literatura de viagens. Organizados em três momentos que sugerem um itinerário – “Lisboa”, “As ilhas” e “Deriva” – os poemas dão ênfase ao olhar de descoberta, o olhar primeiro, primordial, sobre novas paisagens, novos povos e mares, sobre as várias partes do mundo que se descortinavam, mas voltam-se também ao olhar daqueles que, com seus próprio olhos, refizeram o caminho da viagem.

Em seu livro, também refez esse caminho Sophia de Mello Breyner Andresen, autora que completou 84 anos em novembro de 2003 e viveu até o ano seguinte, deixando uma vasta produção literária publicada [ver 6.1], que inclui poesia, prosa, teatro, contos infantis e ensaios, obra que já lhe rendeu diversos prêmios de grande relevância no cenário cultural português e internacional, como o Prêmio Camões de 1999, tendo sido, em 2001, a primeira autora estrangeira a receber o Prêmio Max Jacob, galardão literário francês de grande prestígio.

Todos os textos poéticos do volume aparecem datados, escritos entre 1977 e 1982, o que indica serem resultado de um olhar contextualizado na segunda metade do século XX, nos anos que se seguem à Revolução de 25 de Abril de 1974. Tal época não pode deixar de ter grande relevância no entendimento desses poemas, já que a posição política de sua autora emerge constantemente ao longo de sua obra. Depois de presenciar os acontecimentos de oito décadas do século XX, e com a mente voltada a outro fato histórico que alguns séculos antes também

⁴ Há ainda edição francesa, *Navigations* (ed. bilingüe), de Paris, pela Éditions de la Différence, 1988, tradução de Joaquim Vital; também em neerlandês, *Zeereizen/ Navegações*, de Leuven, por Europees Poeziecentrum, 1991, tradução de Irène Koenders.

rescreveu os limites geográficos portugueses, Sophia segue o itinerário das grandes navegações, numa viagem textual que prima pela beleza e pelo espanto, com raízes, referências e surpresas.

Tal percurso também nós procuramos seguir neste estudo. Para desenvolver os assuntos aqui abordados acerca de *Navegações*, partimos da constatação de João Rui de Sousa, que afirma ser a temática do conjunto o “desenvolvimento de alguma coisa que, desde há muito, estaria em embrião na obra anterior da Autora”.⁵

Certas características fundamentais da poesia andreseniana que são desenvolvidas no volume procuramos expor a partir de agora, para entendermos, assim, a temática central d’as *Navegações* – como a autora costumava referir-se ao volume. Também no propósito de entendermos esse tema, utilizaremos as especificidades das edições de 1983 e de 1996, cada qual com seus elementos que contribuem de diferentes maneiras para o entendimento de textos poéticos.

Na busca de esclarecer a abordagem que Sophia constrói acerca dos descobrimentos, quatro questões apresentam-se como fulcrais: a época de escrita dos poemas e o motivo de sua escolha temática; a presença da intertextualidade e das referências históricas; a inclusão de elementos visuais na primeira edição; a concepção de olhar presente nos poemas. Também nesse sentido, a história será um viés privilegiado em nossa pesquisa, pois nos fornece a compreensão do momento em que os poemas foram escritos e o encontro com os descobrimentos, para então chegarmos ao olhar de Sophia sobre o tema.

O termo *Itinerário* pode significar um roteiro, uma publicação que indique ou planeje rotas para uma futura viagem, pode referir-se também a um ou mais trajetos já percorridos e registrados, pode, inclusive, denotar a própria viagem, o percurso. “O Itinerário” que aqui propomos apresenta os três sentidos, planeja, explica, encontra um pouco da trajetória de Sophia e já realiza seus próprios acréscimos sobre alguns assuntos; rumo ao olhar de Sophia sobre o tema das viagens marítimas começamos a segui-lo.

⁵ SOUSA, João. R., op. cit., 1984, p. 89.

1.2 TRAJETO

Há uma série de características temáticas e formais que podem ser apontadas como constantes na obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen. Carlos Ceia afirma que “Sophia nunca fez modificações profundas em sua arte; nunca mudou na essência a forma de trabalhar as palavras”, e que a verdadeira evolução em sua obra está numa “tentativa cada vez mais esmerada de afirmar a visão primordial do mundo”.⁶ Não devemos, todavia, confundir sua constância com a repetição de uma fórmula poética dada. A poesia andreseniana manteve-se, sim, “fiel aos seus *leit-motiv*, perseguindo rumos entre-distintos”, como nos lembra Joaquim Manuel Magalhães, mas “nunca caiu nos amaneiramentos repetitivos, [...] nunca se tornou uma poesia contente consigo mesma.”⁷

Para Sophia Andresen, conforme sintetiza Sofia Sousa e Silva, a poesia “é uma tentativa de viver neste mundo”.⁸ Na realização dessa forma própria de contato com o mundo surge uma poética definida diversas vezes pela própria autora como *uma moral*⁹, a proposta e a prática de uma postura irrefutável diante da vida e do que ela chama de *real*. É bastante provável que dessa condição moral de sua escrita se origine o caráter auto-reflexivo recorrente nos poemas e exacerbado nas “Artes poéticas”, caráter presente também nos inúmeros discursos e entrevistas em que a ética aparece sempre como indispensável aliada da estética. Essa postura *moral* é vista por Sophia como absolutamente necessária em meio ao mundo contemporâneo, que separa arte e vida, ética e estética, humano e sagrado. Como já foi demonstrado por outros ensaístas, trata-se, segundo termos recorrentes na obra da autora, de um *mundo partido*, um *tempo dividido* em que a *aliança foi quebrada*¹⁰, repleto de seres igualmente partidos: “Exilámos os deuses e fomos/ Exilados da nossa inteireza”.¹¹

⁶ CEIA, Carlos., Monólogo crítico, in: *Colóquio-Letras*, 1994, p. 186.

⁷ MAGALHÃES, J. M., Sophia de Mello Breyner Andresen, in: ___ *Rima Pobre*, 1999, p. 51.

⁸ SILVA, S. S., *Um viés da ética na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen*, 2002, p. 12.

⁹ Para citar apenas um exemplo: “A moral do poema não depende de nenhum código, de nenhuma lei, de nenhum programa que lhe seja exterior, mas porque é uma realidade vivida, integra-se no tempo vivido.” Discurso ao receber o Grande Prêmio de Poesia atribuído a *Livro Sexto*, na Sociedade Portuguesa de Escritores, em 11 de julho de 1964. ANDRESEN, S., *Obra Poética*, v. I, p. 7-9.

¹⁰ Um exemplo desta visão está em “Arte poética I”, cf. ANDRESEN, S., op. cit., v. III, p. 93-94.

¹¹ ANDRESEN, S., *O nome das coisas*, 2004, p. 53.

A atenção aguçada sobre o mundo e sobre as *coisas* do mundo surge como reação contra sua ausência e sua fragmentação, como possibilidade de unificá-los, de torná-los presença. Como nos lembra Eduardo Prado Coelho, sua poesia “nos conduz a uma espécie de teologia negativa: o ‘grande Deus invisível’, o Grande Ausente”. Essa grande ausência “nos transforma em elementos de um ritual a realizar”.¹²

Na tentativa de “viver num mundo sem Deus nem deuses”¹³, escrever é a *salvação* possível, como a autora explicita: “[...] não há poeta, crente ou descrente, que não escreva para a salvação de sua alma – quer essa alma se chame amor, liberdade, dignidade ou beleza”.¹⁴ Escrever é viver o mundo íntegro, uno, inteiro, o “Reino que com paixão encontro, reúno, edifico”, como ela mesma define na “Arte poética I”.¹⁵ O cotidiano dessa escrita é a incessante busca de captar o “poema imanente”, ou “a respiração das coisas”, ou ainda “o nome deste mundo dito por ele mesmo”, como afirma em “Arte poética V”.¹⁶ Eis que chegamos então à assumida, e insistente, referencialidade da poesia andreseniana: viver esse mundo, ou viver *neste mundo*, depende em primeira instância de sua maneira muito própria de contato com o real. Mais uma vez, a autora ressalta aspectos de sua obra, em “Arte poética II”:

Pois a poesia é a minha explicação com o universo, [...] a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e as imagens. Por isso o poema fala não de uma vida ideal mas sim de uma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, [...] aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão.¹⁷

Viver neste mundo é também vivenciar a avassaladora concretude deste mundo, através da *explicação com o universo*, a poesia. Daí sua obsessão visual, sua busca por uma forma própria de objetividade e sua distância de qualquer confessionalismo; o olhar surge como sentido privilegiado para estabelecer contato com a essência da materialidade. Mas que mundo é vivenciado em *Navegações*? Que olhar tem sobre os descobrimentos uma escritora que testemunhou, com sua postura extremamente ética, lúcida e crítica, os resultados

¹² COELHO, E. P., O real, a aliança e o excesso na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, in: ____, *A palavra sobre a palavra*, 1972, p. 231.

¹³ SILVA, Sofia., op. cit., p. 12.

¹⁴ Cf. Sophia, Prémio Camões, in: *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 16 de jul. de 1999, p. 10.

¹⁵ ANDRESEN, S., *Obra poética*, v. III, 1999, p. 93-94.

¹⁶ *Ibid.*, p. 349-350.

de séculos de modernidade, e que presenciou os acontecimentos históricos de grande parte do século XX?

A temática dos descobrimentos é bem recorrente na obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen. Vários poemas fazem referência direta às navegações da época expansionista, como “Mundo nomeado ou descoberta das ilhas”, de *Geografia*, publicado em 1967:

Iam de cabo em cabo nomeando
Baías promontórios enseadas:
Encostas e praias surgiam
Como sendo chamadas.

E as coisas mergulhadas no sem-nome
Da sua própria ausência regressadas
Uma por uma ao seu nome respondiam
como sendo criadas.¹⁷

O poema evidencia uma certa capacidade de concreção contida no nome, idéia constante – e fundamental – na poesia andreseniana. Ao relacionar aos descobrimentos esse emergir de certo espaço terrestre através da nomeação, a autora instaura sua ligação principal com tal tema, o próprio caráter criador de descobrir, de revelar por força do nome, de unificar um trecho do real antes condenado à ausência. Essa visão será retomada como ponto central em *Navegações*.

Outros exemplos confirmam a idéia de que a temática do conjunto desenvolve-se acerca de assuntos há muito em formação na obra da autora. No poema “Descobrimento”, em uma parte intitulada “Brasil ou do outro lado do mar”, ainda em *Geografia*, o medo de explorar um oceano aterrorizante e desconhecido confunde-se com o espanto de encontrar as diferenças de um novo mundo, recém-desvendado, e que se deixou ver pela vitória sobre esse mar.

Um oceano de músculos verdes
Um ídolo de muitos braços como um polvo
Caos incorruptível que irrompe
E tumulto ordenado
Bailarino contorcido
Em redor dos navios esticados

¹⁷ Ibid., p. 95.

¹⁸ ANDRESEN, S., *Geografia*, 1990, p. 11.

Atravessamos fileiras de cavalos
Que sacudiam suas crinas nos alísios

O mar tornou-se de repente muito novo e muito antigo
Para mostrar as praias
E um povo
De homens recém-criados ainda cor de barro
Ainda nus ainda deslumbrados¹⁹

Esse olhar de novidade, da revelação de terras, paisagens, crenças, povos, como veremos adiante, é retomado também de maneira central em *Navegações*.

João Rui de Sousa aponta ainda a recorrência de signos ligados ao universo marítimo, “*mar, praia, ilha, barco*”, como mais um indício de que a temática dos descobrimentos – que culminaria no volume inteiramente dedicado ao tema – já se desenvolvia na obra andreseniana.²⁰ De fato, basta os títulos de alguns de seus livros anteriores a *Navegações* para constatar a posição destacada do mar para Sophia, como em *O dia do mar*, de 1947, *Coral*, de 1950, e *Mar novo*, de 1958. A manutenção dessa importância ainda depois de *Navegações* pode ser vista por exemplo em *Histórias da Terra e do Mar*, livro de ficção publicado em 1984, ou em *Ilhas*, de 1989.²¹

Na “Arte poética III”, a autora conta-nos sua primeira lembrança visual, e já lá estava o mar a integrar a idéia de claridade, inteireza e satisfação, relação que seria muitas vezes mantida em sua poesia: “A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira.”²²

É também na frente do mar o local escolhido por Sophia para a ânfora de barro da “Arte poética I”, precioso objeto capaz de conferir unidade ao mundo; é a ânfora diante do mar que edifica novamente o reino de unidade e inteireza: “É ali a nova imagem da minha aliança com as coisas.”

O mar, e toda a natureza em torno deste, aparece geralmente como um espaço em que a religação do cosmos – e com o cosmos – torna-se possível, o

¹⁹ Id., op. cit., 1990, p. 69.

²⁰ SOUSA, J. R., op. cit., 1984, p. 89.

²¹ Basta observar também a antologia chamada *Mar*, contendo poemas de Sophia ligados a temas marítimos, organizada, a pedido da autora, por sua filha, Maria Andresen de S. Tavares, e publicada pela Editorial Caminho, em 2001.

²² ANDRESEN, S, op. cit.,

lugar do começo absoluto e da criação, como no poema “Inicial”, de *Dual*, livro publicado em 1972:

O mar azul e branco e as luzidias
 Pedras – O arfado espaço
 Onde o que está lavado se relava
 Para o rito do espanto e do começo
 Onde sou a mim mesma devolvida
 Em sal espuma e concha regressada
 À praia inicial da minha vida.²³

Essa imagem de *rito do espanto e do começo* relacionada ao mar aparece com certa frequência ao longo da obra de Sophia Andresen. O mar representa a “possibilidade de um banho lustral, onde tudo se purifica e adquire sentido”.²⁴ Toda a presença do universo marítimo adquire um caráter iniciático, com a possibilidade de renascer para um universo uno, ou de recomeçar o mundo, através do contato com o real, como em “Igrina”, de *Geografia*: “E sobre a areia sobre a cal e sobre a pedra escrevo: nesta manhã eu recomeço o mundo”.²⁵ O cunho iniciático e o de religação com o real tangenciam-se e são fatores que chamam a atenção de Sophia tanto para a temática dos descobrimentos expansionistas quanto para o próprio ato de criação poética.

Publicado em 1977, seu primeiro livro após a Revolução dos Cravos é intitulado *O nome das coisas*, trazendo alguns dos poemas datados de 1974 a 1976. Nesse volume encontramos “Revolução – descobrimento”:

Revolução isto é: descobrimento
 Mundo recomeçado a partir da praia pura
 Como poema a partir da página em branco
 – Katharsis emergir verdade exposta
 Tempo terrestre a perguntar seu rosto²⁶

A idéia do *rito do espanto e do começo* passa a estabelecer no poema uma estreita ligação de sentido também entre descobrimentos e revolução, nesse caso a própria Revolução dos Cravos. Em *O nome das coisas*, dentre os vários textos poéticos que tratam do 25 de Abril, este é o que estabelece maior identificação entre os dois fatos históricos, dois eventos que marcam profundamente margens

²³ ANDRESEN, S., op. cit., v. III, 1999, p. 134.

²⁴ BELHCHIOR, M. L., Itinerário poético de Sophia, in: *Colóquio-Letras*, 01/86, p. 38.

²⁵ ANDRESEN, S., op. cit., 1999, p. 7.

da modernidade na cultura e na história de Portugal. No mesmo volume, o poema “Nesta hora”, datado de 20 de maio de 74, aproxima-se dessa visão:

Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda
Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo
[...]

Como quem parte do sol do mar do ar
Como quem parte da terra onde os homens estão
Para construir o canto do terrestre [...] ²⁷

A Revolução que põe fim em Portugal a quase meio século de regime ditatorial fascista aparece com duas faces nesse volume de 77. Primeiro surge como a oportunidade de recomeço e libertação, como “O dia inicial inteiro e limpo”, do poema “25 de Abril”, ou “Como página em branco/ Onde o poema emerge”, no poema “Revolução”. Mais adiante no livro, recobre-se de dúvida, de questionamento, como na pergunta presente no poema “Os erros”:

Deverá tudo passar a ser passado
Como projecto falhado e abandonado
[...]
Ou poderemos enfrentar e superar
Recomeçar a partir da página em branco
Como escrita de poema obstinado? ²⁸

“A Viagem” é o título do primeiro capítulo do estudo que aqui iniciamos. Depois de encontrarmos “Lisboa”, “As ilhas” e “Deriva, dentro desse primeiro momento, a tentativa de entender melhor o contexto revolucionário e pós-revolucionário será uma etapa de aproximação de *Navegações*. Procuramos estabelecer as “Coordenadas” para “A Viagem”, investigando possíveis características impressas pela época nesse conjunto de poemas, que, como já afirmamos, foi escrito em um período que vai de 1977 a 1982.

Sophia Andresen sempre deixou transparecer, de certa maneira, como mais uma constante de sua poesia, a marca de sua posição política e de sua militância anti-salazarista, que não deixam de fazer parte da própria busca de uma integridade moral na arte e na vida. Daí a importância de entendermos esses anos

²⁶ Id., op. cit., 2004, p. 34.

²⁷ Ibid., p. 30.

²⁸ Ibid., p. 46.

posteriores à Revolução, um momento em que artistas e intelectuais, que tanto haviam esperado pelo fim daquele regime, tomavam consciência das reais mudanças da sociedade portuguesa. No último poema de *O nome das coisas*, a mágoa da autora deixa uma amarga visão dos fatos:

Cantaremos o desencontro:
O limiar e o linear perdidos

Cantaremos o desencontro:
A vida errada num país errado
Novos ratos mostram a avidez antiga²⁹

No quarto de século que se segue ao 25 de Abril, diversos escritores portugueses preocupam-se em repensar séculos de história, com um novo olhar crítico, transfigurando-a, utilizando-a como importante material para a criação, ficcional e poética. Depois de louvar e questionar os acontecimentos de seu contexto histórico pós-revolucionário, e de ter anteriormente deixado em sua obra as marcas de sua posição política, moral e artística ao longo de um século que integra o “tempo de ódio, tempo de nojo e de desolação”³⁰, Sophia de Mello Breyner Andresen lança seu olhar sobre as grandes navegações expansionistas e sobre uma literatura que se manteve estreitamente ligada a essas viagens. As “Coordenadas” nos ajudarão a compreender os motivos de sua escolha temática.

É fato conhecido que os descobrimentos do fim do século XV e início do século XVI têm fundamental influência não somente na história de Portugal, da Península Ibérica e de outros países envolvidos no processo expansionista, mas refletem-se, direta ou indiretamente, nas variadas áreas do conhecimento humano. Ainda nas “Coordenadas”, articulamos pensamentos de alguns historiadores e ensaístas que nos ajudam a compreender a época de escrita de *Navegações*, os anos que a cercam, as décadas, até mesmo o século. A partir de uma visão ampla desse período, buscamos entendê-lo como o reflexo de processos que integraram toda a Era Moderna, desde seu advento, estreitamente ligado às descobertas marítimas. Muitos desses processos da modernidade desenvolvem-se ainda hoje, outros encontraram suas conclusões. Resultaram realmente em intensas mudanças

²⁹ Ibid., p. 75.

³⁰ BELCHIOR, M. L., op. cit., p. 39.

nos conhecimentos do homem, em sua relação com a Terra, consigo mesmo e com a natureza que o cerca.

Levando também em conta o contexto cultural e artístico, buscamos uma reflexão sobre esse conjunto que caracteriza um mundo geralmente considerado como um *depois*. As “Coordenadas” nos permitem investigar de que maneira todo esse contexto permeia o “encontro com as vozes e as imagens”³¹ de um passado expansionista, vozes que ainda ecoam no presente.

Em 1984, em seu célebre discurso proferido na entrega do Prêmio do Centro Português da Associação de Críticos Literários, atribuído a *Navegações*, Sophia de Mello Breyner relata aquele instante ímpar, quando, a convite do Conselho da Revolução, em 1977, se dirigia pela primeira vez a Macau [ver 6.2]. A autora narra o momento em que sobrevoava a costa do Vietnã: “Corri uma cortina e vi um ar fulgorantemente azul e lá em baixo um mar ainda mais azul. E perto de uma longa costa verde, vi no mar três ilhas azuis de coral azul escuro, cercadas por lagunas de uma transparência azulada.”³²

A poetisa descreve como foi tomada por uma súbita sensação, a “imaginação desse primeiro olhar”, de um outro olhar primeiro, *olhar primordial*, de homens que como ela cruzaram o mundo rumo ao Oriente nunca visto: “Pensei naqueles que ali chegaram sem aviso prévio, sem mapas, ou relatos, ou desenhos ou fotografias que os prevenissem do que iam ver”.³³ A tentativa de captar esse “real mais belo do que o imaginado”³⁴, o espetáculo presenciado por aqueles primeiros navegadores, é motivada inicialmente por sua própria viagem e seu próprio olhar primeiro, olhar quase tão maravilhado. Mais tarde – ressaltamos – este discurso é publicado na segunda edição como uma espécie de apresentação.

Sophia declara que *Navegações Ihe acontece* graças a essa sua primeira viagem ao Oriente, em 1977, quando é convidada a ler poemas e falar sobre Camões nas comemorações do 10 de Junho, dia desse poeta e, por conseqüência, dia das comunidades portuguesas por todo o mundo. Ali mesmo no vôo de ida, ao deparar-se com aquela visão aérea deslumbrante, com a beleza de “ilhas de coral azul que eram como os olhos azuis do mar”³⁵, e compreendendo o sentido de

³¹ ANDRESEN, S., op. cit., v. III, 1999, p. 95.

³² Id., *Navegações*, 2. ed., 1996, p. 7.

³³ Ibid.

³⁴ Ibid., p. 8.

³⁵ ANDRESEN, S., Notas sobre *Navegações*, in: *Prelo*, out/ dez, 1983, p. 107.

descobrimos no olhar de outros viajantes, assim como em seu próprio olhar, escreve os primeiros poemas do conjunto. Começa sua “Navegação Abstracta”, como caracteriza um dos poemas *nascidos* naquele instante, em um itinerário que vai de “Lisboa”, ultrapassando “As ilhas” até pôr-se à “Deriva”.

Nessa viagem que refaz viagens outras, Sophia utiliza-se do complexo jogo intertextual que o assunto implica no quase inevitavelmente marítimo cenário cultural português: “Paralelamente a estes diversos ecos e invocações, também na errância das navegações manuelinas se entrelaça a minha própria errância.”³⁶ Da mesma maneira, também “A viagem” deste estudo vem constituir mais um olhar a seguir por esse caminho, a investigar as muitas rotas feitas anteriormente. Na segunda etapa do capítulo intitulado “A viagem”, a “Singradura perfeita” será nossa indicação rumo a grande parte das vozes e dos olhares que descobriram ou redescobriram os caminhos para o mundo.

A sugestão de personagens históricas em *Navegações* dá-se quase sempre de maneira bem sutil, muitas referências são explicitadas somente pelas notas da autora na segunda edição, em 1996, ou naquelas publicadas em 1983 no *Prelo*, revista da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, sua editora na época.³⁷

Camões, Pero Vaz de Caminha, Jorge de Sena, Fernando Pessoa – e Álvaro de Campos – são somente algumas das vozes encontradas em outros poemas, que se deixam atravessar por toda uma história de escritos, crônicas, diários de viagem, além de todo o conjunto de uma literatura nacional que, como definiu certa vez Jorge Fernandes da Silveira, é uma tentativa de se fazer uma literatura depois d’*Os Lusíadas*.³⁸

A referência a outros poetas e a personagens históricas, além da intertextualidade propriamente dita, é recorrente também ao longo da obra poética de Sophia Andresen. Fernando Pessoa é exemplo de poeta que aparece muitas vezes na poesia andreseniana, como em “Fernando Pessoa” ou “Poeta em Lisboa”, de *O nome das coisas*:

Em sinal de sorte ou desgraça
A tua sombra cruza o ângulo da praça
(Trêmula incerta impossessiva alheia

³⁶ Ibid., p. 108.

³⁷ Id., op. cit., *Prelo*, 1983, p. 107-108.

³⁸ Cf. SILVEIRA, J. R., *Discurso/ desconcerto: alguns nós na literatura portuguesa.*, 2000.

E como escrita de lápis leve e baça) [...] ³⁹

No mesmo livro há também menção a Che Guevara, personagem a dar título a um poema situado, “Lisboa”, e datado, “1972”:

[...]
De poster em poster a tua imagem paira na sociedade de consumo
Como o Cristo em sangue paira no alheamento ordenado das igrejas

Porém
Em frente do teu rosto
Medita o adolescente à noite no seu quarto
Quando procura emergir de um mundo que apodrece ⁴⁰

Jorge de Sena é outro escritor muito presente na obra de Sophia, porém a figura autobiográfica do amigo, português a viver no estrangeiro é o que sobressai. Em “Carta (s) a Jorge de Sena”, Sophia deixa transparecer a mágoa pela morte desse amigo:

Não és navegador mas emigrante
Legítimo português de novecentos
Levas contigo os teus e levaste
Sonhos fúrias trabalhos e saudade;
[...]

E agora chega a notícia que morreste
E algo se desloca em nossa vida ⁴¹

Ruy Cinatti é também outro grande amigo de Sophia, outro poeta português a viver fora de Portugal, no distante Timor Leste. É mencionado algumas vezes, com certa referência a sua poesia tão ligada à natureza, principalmente às paisagens e à flora da ilha em que viveu por tantos anos. Camões, Cesário Verde, João Cabral de Melo Neto são também personalidades e intertextualidade recorrentes na poesia andreseniana.

O que chama atenção, entretanto, nas referências literárias feitas em *Navegações* é certo caráter anônimo predominante. Não há nos poemas menção – como é comum em sua obra – a nomes de poetas, cronistas, ou escrivães de viagens. A única referência literária explícita está no verso do *Purgatório* de

³⁹ ANDRESEN, S., op. cit., 2004, p. 20.

⁴⁰ Ibid., p. 14.

⁴¹ Id., *Ilhas*, 2004, p. 41.

Dante, “*Dolce color d’oriental zaffiro*”. Quanto aos fatos e personagens históricos, também poucas são as menções explícitas, como ao mítico Preste João, referido em poema, ou ao estilo manuelino. A maior parte das referências apenas se explicita por notas na segunda edição e nas outras já citadas, do *Prelo*.

Assim como as vozes e olhares presentes em *Navegações*, essa maneira própria da qual Sophia de Mello Breyner Andresen se utiliza para sintetizar todas as viagens, motivada por sua própria experiência de viagem, será ponto a ser investigado na “Singradura perfeita”.

O segundo momento desta pesquisa preocupa-se em investigar duas questões referentes a *Navegações* como uma representação literária aliada à representação visual. São as “Medições” que fazemos paralelamente à viagem, formas de decodificar o caminho.

“Os mapas” integram a primeira etapa das “Medições”. Em seu discurso de 1984, Sophia Andresen narra que, ao passo que escrevia os poemas de *Navegações*, foi-lhe surgindo a

[...] vontade de os editar ao lado dos mapas da época, os mapas onde ainda é visível o espanto do olhar inicial, o deslumbramento perante a diferença, perante a multiplicidade do real, a veemência do real mais belo que o imaginado, o maravilhamento perante os coqueiros, os elefantes, as ilhas, os telhados arqueados dos pagodes.⁴²

Assim foi a primeira edição, de 1983. A Imprensa Nacional parece ter feito a única edição a respeitar tal proposta inicial da autora, publicando, assim, conforme palavras da própria poetisa, a “edição que eu sonhei e quis”.⁴³ Mas por que tais mapas correspondem a uma vontade que a acompanhou ao longo da criação de parte dos poemas? Qual o papel desempenhado por esse recurso visual do mapa e qual sua relação com o conjunto de poemas?

A pesquisa busca, nesse sentido, observar o desenvolvimento da *cosmografia* no contexto dos descobrimentos marítimos expansionistas, termo utilizado para designar a cartografia “antes da invenção da palavra, em 1839”.⁴⁴ Busca também investigar suas conseqüências na relação do homem com seu próprio planeta e, principalmente, seu caráter enquanto uma obra, uma representação do espaço e de um certo grau do conhecimento, e do propósito,

⁴² Id., op. cit., 1996, p. 8.

⁴³ Ibid.

humanos, representação esta que pode avançar e oscilar do caráter artístico ao científico. A partir da compreensão do mapa como uma obra, podemos entender melhor o sentido desse recurso visual em *Navegações* e sua estreita ligação com os textos poéticos ali dispostos.

A vontade de editar tais mapas junto aos poemas liga-se a certo sentido de desocultação que, para Sophia, a criação artística revela. Essa desocultação estaria visível naqueles primeiros mapas a registrar, no século XVI, as novas partes do mundo encontradas. No poema “Descobrimento”, do volume intitulado *Ilhas*, um sujeito indeterminado maravilha-se com as descobertas de novos continentes e a exploração de toda a Terra:

Saudavam com alvoroço as coisas
 Novas
 O mundo parecia criado nessa mesma
 Manhã⁴⁵

O maravilhamento e a novidade apresentavam-se diante dos olhos dos navegadores e exploradores das novas terras, mas também de parte da população europeia que tinha acesso às notícias de um mundo encontrado, reunificado. Em um momento em que grande parte dos humanistas se ocupava em reencontrar os clássicos, cosmógrafos portugueses reproduziam as etapas dos descobrimentos, registrando a imagem terrestre a formar-se gradualmente. Muitas das imagens representadas nos mapas eram baseadas também em relato e crônicas, que hoje integramos ao subgênero da literatura de viagem, e levavam ao Velho Continente as novidades sobre as novas partes da Terra.⁴⁶

Esses mapas são aqueles que Sophia classifica como capazes de captar o “espanto do olhar inicial, [...] o maravilhamento perante os coqueiros, os elefantes, as ilhas, os telhados arqueados dos pagodes”.⁴⁷ Os cinco mapas de *Navegações* estão mesmo repletos de símbolos e ícones, ainda com grande influência medieval, como brasões e bandeiras, mas registram representações das grandes novidades que passariam a integrar o espaço terrestre, desenhos de animais locais, indígenas americanos a cortar o pau-brasil, navios, coqueiros,

⁴⁴ OLIVEIRA, C., *Dicionário cartográfico*, 1983, p. 153.

⁴⁵ ANDRESEN, S., op. cit., 2004, p. 34.

⁴⁶ Cf. MEES, L. A., *As representações do Novo Mundo na cartografia portuguesa do século XVI*, 2002.

⁴⁷ ANDRESEN, S., op. cit., 1996, p. 8.

fortalezas, elefantes, homens negros, pagodes. São imagens de um universo inteiramente novo que se apresentava diante dos olhos do europeu.

Acreditamos que duas forças contribuem para esse estatuto de desocultação que o mapa revela: por um lado, sua possibilidade de *oficializar* a existência de um local, levando-o ao conhecimento de populações em outras partes da Terra; por outro lado, a possibilidade de trazer, de maneira propriamente dita, um dado lugar aos olhos do homem. Sobre esta última, a historiadora da arte Svetlana Alpers afirma que, em épocas passadas, “o mapa permitia ver algo que de outro modo seria invisível. [...] Como as lentes, os mapas eram referidos como óculos que colocam os objetos diante do olho”.⁴⁸

Para Sophia Andresen, *ver* está, também nos poemas, estreitamente ligado à desocultação: “Para mim o tema das *Navegações* não é apenas o feito, a gesta, mas fundamentalmente o olhar, aquilo a que os gregos chamavam *aletheia*, a desocultação, o descobrimento. Aquele olhar que às vezes está pintado à proa dos barcos.”⁴⁹

Na segunda etapa do capítulo dedicado às “Medições”, buscamos investigar a importância que tem “O olhar” no conjunto de poemas de *Navegações*. Maria de Lourdes Belchior define *Navegações* como a “epopéia do ver”, do deslumbramento, transfigurando as “ações do descobrir”.⁵⁰ Essa transfiguração já indica que o olhar, nesse conjunto de poemas, não tem a intenção de representar fielmente a realidade, mas está extremamente ligado à aliança dos seres através da palavra, ao mundo unificado por força da nomeação.

Ressaltamos que a poesia andreseniana é antes de tudo uma obra da insistente atenção ao real; o poema, como ela mesma define, “foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso.”⁵¹ Mas, de acordo com Eduardo Prado Coelho, “não é apenas o real que ela pretende alcançar, mas sobretudo a aliança primitiva [...] a ordem simbólica onde esse real adquire sentido e verdade.”⁵² Essa é, na obra de Sophia, a ordem da verdade a emergir, a ordem da *Alétheia*, própria da obra de arte, que segundo Heidegger, “não quer dizer que algo que está ali seja representado com justeza [...] dessa

⁴⁸ ALPERS, S., O impulso cartográfico na arte holandesa, in: _____. *A arte de descrever*, 1999, p. 263.

⁴⁹ ANDRESEN, S., op. cit., 1996, p. 8.

⁵⁰ BELCHIOR, M. L., op. cit., 1986, p. 42.

⁵¹ ANDRESEN, S., op. cit., 1999, v. I, p. 7.

forma o ser que se oculta clareia-se. O clareado desta natureza é o belo. A beleza é o modo como a verdade enquanto desocultação advém.”⁵³

Encontramos, então, em *Navegações*, uma epopéia desse *belo*, o espetáculo do descobrimento do planeta com toda sua beleza remontado no que se oculta, através do próprio conflito entre a história e o poema, e entre o espaço e o mapa, emerge também a arte, a beleza, o espetáculo, o feito, tudo pela força mágica do signo.

O conceito de *Alétheia*, originalmente da Grécia Arcaica e traduzido do grego clássico como *verdade*, tem grande importância no entendimento da obra de Sophia Andresen. De acordo com o helenista Marcel Detienne trata-se de uma potência religiosa capaz de conferir à palavra cantada seu estatuto de palavra mágico-religiosa: “se o poeta está verdadeiramente inspirado, se seu verbo se funda sobre um dom de vidência, sua palavra tende a se identificar com a ‘Verdade’.”⁵⁴

No primeiro poema de *Navegações*, intitulado “Lisboa”, a cidade é evocada, e torna-se visível graças à pronúncia de seu nome:

Digo:
 “Lisboa”
 Quando atravesso – vinda do sul – o rio
 E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse
 Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna
 [...]

Digo o nome da cidade
 – Digo para ver ⁵⁵

Esse pensamento, de origem grega sobre a relação palavra/coisa é relido por Heidegger, segundo o qual a palavra confere ser às coisas.⁵⁶ Heidegger explora o conceito de *Alétheia*, “como a verdade enquanto desocultação”.⁵⁷ Essa capacidade de fazer surgir a verdade, uma certa *ordem da verdade a emergir*, é o que, em primeira instância, liga os mapas dos descobrimentos ao olhar presente na poesia de Sophia, principalmente em *Navegações*. Cabe observar, na parte dedicada às

⁵² COELHO, Eduardo P., op. cit., 1972, p. 228.

⁵³ HEIDEGGER, M., cf. ROCHA, Sophia de Mello Breyner Andresen: poesia e magia, in: *Colóquio-Letras*, n.132/ 133, abril/ setembro de 2000, p. 174.

⁵⁴ DETIENNE, M., *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica*, 1988, p. 13-23.

⁵⁵ ANDRESEN, S., op. cit., 1996, p. 9.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 170-171.

“Medições”, as diferenças e identidades entre as duas representações, sobretudo no que se refere ao contato com o real e sua representação numa forma artística.

Segundo o *Dicionário cartográfico*, o termo *rota* significa “o curso real de um avião ou um navio, respectivamente, acima ou na superfície da terra”.⁵⁸ Sophia de Mello Breyner seguiu uma rota, em seu avião rumo a Macau, e muitos outros antes dela seguiram também rotas para a África, para o Oriente, ou para o Novo Mundo, a bordo de caravelas ou naus, em navios a vapor ou em aviões, cruzando um espaço cada vez menos distante, cada vez mais conhecido, relatado, cartografado, representado. Ainda assim a curiosidade pelo novo, por novas paisagens e novas culturas, não deixa de trazer espanto e maravilha a certos viajantes.

Não somente de seu próprio *curso real* Sophia constrói as *Navegações*, mas também da soma dos vários *cursos reais*, do encontro com outros relatos, diários, cartas, crônicas, mapas, poemas, com toda uma literatura voltada para a viagem e com uma cultura profundamente marcada pelos descobrimentos. Nossa rota talvez não cause aos olhos do leitor tal espanto ou maravilha, mas começamos a transitar e a expor diante de seus olhos essa soma, também cheia de belezas, novidades e espantos. Por essa “Navegação abstracta”, juntamente com Sophia, e com muitas vozes e olhares, viajamos por “Lisboa”, “As Ilhas” e “Deriva”, *na rota das Navegações*.

⁵⁷ HEIDEGGER, cf. ROCHA, op. cit., 1994, p. 175.

⁵⁸ OLIVEIRA, C., op. cit., 1983, p. 598.